

SERGIO LESSA

ESCOLA SEM PARTIDO E SOCIEDADE
SEM IDEOLOGIAS



Diagramação: Fernanda Beltrão

Revisão: Sidney Wanderley

Capa: Fernanda Beltrão

Catálogo na Fonte

Departamento de Tratamento Técnico Coletivo Veredas

Bibliotecária responsável: Fernanda Lins de Lima – CRB – 4/1717

L638e Lessa, Sergio.
Escola sem partido e sociedade sem ideologias / Sergio
Lessa. – Maceió : Coletivo Veredas, 2019.
25 p.

ISBN: 978-85-92836-33-7

1. Educação. 2. Política. 3. Ideologia. 4. Bolsonarismo.
5. Brasil. I. Título.

CDU: 37.014.5(81)

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>. Esta licença permite cópia (total ou parcial), distribuição, e ainda, que outros remixem, adaptem, e criem a partir deste trabalho, desde que atribuam o devido crédito ao autor(a) pela criação original.

1º Edição 2019

Coletivo Veredas

www.coletivoveredas.com

SERGIO LESSA

ESCOLA SEM PARTIDO E SOCIEDADE
SEM IDEOLOGIAS

1º Edição
Coletivo Veredas
Maceió 2019



Escola sem Partido e sociedade sem ideologias

A palavra ideologia, nos lábios dos bolsonaristas, representa algo pecaminoso, demoníaco e ruim. Para eles, o mundo ideal seria aquele em que não haveria ideologias. O que precisamente querem dizer com “ideologia de gênero”, “ideologia de raça”, “ideologia cientificista”, “ideologia marxista”, “ideologia globalista”, “ideologia socialista”, “ideologia comunista” etc.? Ninguém, nem eles, sabe ao certo. O que sabemos é que ideologia, para eles, seria algo ruim, danoso, até mesmo pecaminoso. Algo a ser evitado com o mesmo empenho com que o diabo foge da cruz.

Essa não é a primeira vez que se identifica ideologia a algo ruim, como uma coisa a ser eliminada da vida social. E também não é a primeira vez que essa identificação é tão ideológica quanto as ideologias que se propõe a combater. Foi assim com o nazismo, foi assim com o positivismo e o neopositivismo, foi assim com o stalinismo... e, agora, a mesma tese volta

por obra e graça dessa confusa ideologia que é, por falta de um termo melhor, o “bolsonarismo”.

Se isso fosse verdade, se ideologia fosse mesmo algo ruim, danoso e pecaminoso no plano das ideias, o que seria, então, “a verdade”?

Os positivistas e os neopositivistas diriam: a ciência.

Os nazistas diriam: a teoria do nacional-socialismo.

Os stalinistas diriam: a ciência marxista.

Os bolsonaristas diriam: a fé no Deus cristão.

Examinemos cada uma dessas respostas.

Positivistas e neopositivistas

A ciência, dizem os positivistas e neopositivistas, é um conhecimento verdadeiro porque não é, como seriam as ideologias, influenciada por nenhum interesse político, de classe, cultural ou preconceitos. Argumentam que $2 + 2 = 4$ é uma verdade para todos os humanos, sejam eles chineses ou brasileiros, proletários ou burgueses, homens ou mulheres, negros ou índios etc.

Isto é uma verdade. Há, de fato, conhecimentos que não são ideologias nem são influenciados pelas ideologias. Não apenas no conhecimento científico, mas também no conhecimento cotidiano, na religião, na filosofia e na arte podemos encontrar conhecimentos que não são ideológicos.

Contudo, se examinarmos mais de perto este argumento dos positivistas e neopositivistas, veremos que sua validade é limitada, mesmo para a ciência exata. Há conhecimentos que são verdadeiros independentemente das ideologias, interesses de classe, valores e assim por diante: o Sol nasce a leste, o teorema de Pitágoras, a sequência histórica das formações sociais (sociedades primitivas, escravismo, feudalismo, capitalismo, por exemplo).

Mas muitos dos conhecimentos científicos mais importantes são fortemente marcados pelos interesses de classe, pelas lutas sociais do momento em que são produzidos, pelas tradições e mesmo pelos preconceitos. Mesmo quando se trata do conhecimento da natureza.

Pensem na afirmação por J. Kepler e por Galileu Galilei de que a Terra gira ao redor do Sol e não, como queriam a Igreja e os senhores feudais, que seria o Sol a girar ao redor da Terra. Foi a necessidade de orientar em alto-mar as caravelas que levou a burguesia às descobertas científicas, entre as quais a de que a Terra gira ao redor do Sol. O desenvolvimento da astronomia, da física e da matemática produziu, poucas décadas depois de Galileu, a primeira explicação científica do funcionamento da gravidade, a lei da gravitação universal de Newton. A astronomia moderna é uma realização da burguesia tal como foram as Grandes Navegações (1430-1650) e as Revoluções Francesa (1789-1815) e Industrial (1776-1830).

A passagem do mundo fechado em uma esfera, que predominou na concepção de universo da Idade Média, ao universo infinito de Newton tem a marca indelével de nascença da burguesia revolucionária. Tal como os corpos celestes se movimentam em constantes repulsão e atração, os indivíduos humanos viveriam em sociedade em constantes repulsão e atração marcadas pelo nascente mercado mundial. O mercado, com suas leis, faria de cada um de nós o concorrente de todos os outros: o homem seria o lobo do homem. Tal como as leis que regem o cosmos são eternas, a disputa universal de todos com todos seria igualmente eterna. A sociedade burguesa seria, por isso, não apenas a melhor possível aos humanos, mas também corresponderia à sua eterna essência de proprietários privados. A sociedade burguesa seria, por isso, o eterno futuro da humanidade.

A concepção do universo de Newton, uma enorme e gigantesca realização da ciência moderna, relaciona-se, por esta via, com a justificação da sociedade que então nascia, a sociedade burguesa. A natureza e a sociedade seriam igualmente formadas por partes que se repelem e se atraem. Na natureza, pela lei da gravitação universal. Na sociedade, pelas leis do mercado capitalista. Se na natureza, toda parte possui massa e, portanto, sofre a ação da gravidade, na sociedade, toda parte possuiria a qualidade de ser proprietário privado e, portanto, sofre a ação das leis do mercado.

De modo semelhante, toda a ciência do Mundo

Antigo, além de explicar o mundo, também explicava por que a humanidade seria para todo o sempre dividida entre senhores de escravos e escravos: a ordem universal do universo, a ordenação do Cosmos pelo Logos (Aristóteles), assim o determinaria. A pedra afunda na água porque seu lugar natural na ordem universal seria sob a água; o senhor de escravo será sempre senhor de escravo (e o escravo, escravo) porque esta seria a ordem natural de todo o universo.

Hoje em dia, o que impulsiona o desenvolvimento da ciência não é apenas a própria ciência, isoladamente. Os interesses econômicos na criação de uma medicina lucrativa para o capital levou ao desenvolvimento da ciência que está na base do complexo médico-hospitalar. E também, na base da produção e “descoberta” de novas doenças que tornam lucrativas as descobertas de remédios e terapias feitas pela ciência da saúde. Os burgueses levaram ao desenvolvimento do complexo industrial militar: toda a ciência da morte, das bombas atômicas às tecnologias das armas modernas, é atravessada do começo ao fim pela busca incessante de lucros. Praticamente todo o impulso que o desenvolvimento de tecnologias confere às ciências é determinado pelos interesses das classes dominantes - acima de tudo, o interesse de manter as relações de produção que as fazem classes dominantes. Isto vale para todas as sociedades de classe, para a nossa inclusive.

Hoje em dia, a maioria dos cientistas da natureza tende a voluntariamente reduzir o alcance das suas descobertas. O mundo se origina de um ato de Deus? Não há nada na ciência que o indique; tudo indica exatamente o oposto, isto é, que não houve criação divina alguma. Mas a ciência se cala ante essa questão: isso nada tem a ver com uma questão científica; é, antes, uma questão diretamente ideológica. Para não entrar em choque com a religião e com os poderes estabelecidos (que financiam o fundamental das pesquisas científicas), os cientistas se calam quando a questão é a origem do universo. E esta postura não é uma decorrência de nenhuma metodologia científica; antes, as metodologias científicas que justificam tal silêncio é que são decorrências ideológicas da submissão da ciência ao capital.

A ciência, portanto, ao contrário do que querem os positivistas e neopositivistas, acha-se longe de estar livre das interferências dos valores, dos interesses de classe, das lutas de classe de cada momento e, portanto, das ideologias. O fato de que um ou outro conhecimento, científico ou não, seja, de fato, isento de ideologias não significa que isto seja válido para a ciência no seu todo. E o fato de a ciência ser permeada pela ideologia não reduz, por si só, a sua qualidade de ciência. O que faz um conhecimento científico superior ou inferior é a sua capacidade de reproduzir na consciência aquilo que a realidade é de fato. E esta sua capacidade pode ser tanto dificultada quanto facilitada pelas ideologias, como veremos.

Nazismo, ciência e ideologia

Isto quanto aos positivistas e neopositivistas.

Quanto aos nazistas, a questão é diferente. Pois a tese dos positivistas e neopositivistas de que a ciência é um conhecimento independente de qualquer ideologia é correta, como vimos, em casos isolados. O nazismo, ao contrário, jamais está correto, nem no geral, nem nos casos isolados. Tudo nele é falsidade, sem exceção alguma.

Peguemos sua tese da superioridade racial da raça ariana. Nem antes, nem depois do nazismo, foi possível descobrir sequer um argumento científico que fosse favorável a essa tese.

Ainda assim, essa falsidade foi assumida como verdade por uma enorme parcela do povo alemão. Se o absurdo que foi o nazismo não pode ser justificado, ele pode ser explicado. Na vida cotidiana, uma boa parte do conhecimento tem sua origem em constatações que, em geral, não são questionadas. Tudo que sobe tem de cair, depois do dia vem a noite, da semente vem a árvore etc. são conhecimentos verdadeiros que emergem da vida cotidiana de modo muito direto. São constatações que permanecem em larga medida irrefletidas. Também em larga medida elas são, no mais imediato da vida, verdadeiras.

Mas há constatações que têm a força da verdade sendo, de fato, meras falsidades. Quantos milênios a humanidade “constatou” que as enfermidades vinham

de espíritos malignos e a saúde de espíritos benignos? Por quantos milênios a constatação de a Terra ser plana foi assumida como verdade inquestionável? A maior parte dessas constatações falsas é superada pelo próprio desenvolvimento da humanidade, pela evolução da ciência, da nossa capacidade produtiva, das formações sociais e assim por diante.

Mas há constatações que brotam da vida cotidiana e que, por necessidades coletivas, assumem a aparência de uma verdade que – mesmo que sejam absolutamente falsas – leva massas inteiras de seres humanos a se comportarem de uma determinada maneira. Isto é o “falso socialmente necessário”. O nazismo é um claro exemplo de um “falso socialmente necessário”: uma ideia absurda levou milhões a morrerem nos campos de batalha da Segunda Grande Guerra para impor a supremacia da raça ariana!

No Velho Testamento, os judeus fugidos do Egito precisaram acreditar na providência divina para superar aquele terrível momento histórico por que passavam. Deus, ao ter aberto o Mar Vermelho e ao dar a Moisés a tábua de salvação com os dez mandamentos, mostrava serem os judeus o povo escolhido. E a crença nessa fábula fantástica ajudou os judeus a atravessar o Sinai até a Terra Prometida.

Também o povo alemão, destruído pela Primeira Guerra e pela crise de 1929, precisava crer que era um povo superior, com um messias, para superar as suas misérias de então. Hitler, naqueles anos, soube

se identificar com essa necessidade do povo alemão. Não demorou nada para a burguesia alemã descobrir a utilidade da ideologia nazista. A crença na superioridade da raça ariana poderia auxiliá-la a manter dóceis e submissos os trabalhadores que ela explorava. E não apenas isso, pois poderia fazer esses mesmos trabalhadores morrer aos milhões na Segunda Grande Guerra (que essencialmente foi, na Europa, uma ofensiva militar da burguesia alemã contra os seus principais concorrentes econômicos, a Inglaterra e a França).

Com os nazistas, portanto, a identificação de ideologia à falsa consciência, a um falso conhecimento da realidade, apenas lhes servia para argumentar que o nazismo, por não ser uma ideologia, não seria uma falsidade. Na verdade, sabemos hoje, o nazismo era tão falso quanto a mais falsa das ideologias. Ele foi apenas o “falso socialmente necessário” para a burguesia alemã manipular seu povo e conduzi-lo à Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Como o que é verdade para os nazistas não passa da mais pura falsidade, a sua denúncia das ideologias como falsos conhecimentos terminou perdendo quase toda sua força de convencimento.

O stalinismo e a “ciência marxista”

O stalinismo, sabemos, foi a deformação do pensamento original de Marx e Engels que serviu para

justificar o regime político ditatorial que vigorou na URSS. E o stalinismo, apesar de toda a sua pregação contra a ideologia burguesa, terminou fazendo com o conceito de ideologia o mesmo que os neopositivistas fizeram: colocaram a ciência de um lado e, do outro lado, a ideologia. Como se um fosse a negação do outro. Nisso, os stalinistas e os neopositivistas andavam de braços dados.

A diferença entre eles, não desimportante, é o que consideravam ciência e o que consideravam ideologia. Para os neopositivistas, o marxismo seria uma ideologia, e as ciências da natureza, “o” conhecimento da verdade. Para os stalinistas, o marxismo seria “a” ciência, e todo o resto seria ideologia. Ao tentar produzir uma ciência que não fosse permeada por ideologias, nem pudesse servir de ideologia, o stalinismo nada mais fez do que produzir propaganda. A ciência stalinista tinha por critério de verdade as necessidades políticas diárias de justificação da ordem vigente na URSS – e esse critério de verdade é tão falso que levou rapidamente a ciência lá produzida a absurdos. O mais conhecido desses absurdos é a negação das leis da genética porque elas não seriam “dialéticas”!

Por outro lado, também por desconsiderar o papel ideológico do pensamento de Marx e Engels conduziu os stalinistas à mais profunda, sistemática e completa falsificação não apenas do fundamental do seu pensamento, mas mesmo de muito do secundário. A começar pelos conceitos de socialismo e de comunismo.

Para Marx e Engels, o socialismo seria a superação do Estado, da família patriarcal (monogâmica), da propriedade privada e da exploração do homem pelo homem. Por isso o socialismo conduziria ao comunismo, uma sociedade em que todos trabalham e, por isso, ninguém vive explorando o outro – e também por isso, uma sociedade em que todos, coletivamente, decidem o destino comum. Os stalinistas identificam o socialismo e o comunismo à URSS, uma ditadura que não apenas manteve o Estado e a exploração do homem pelo homem, como ainda aprofundou e desenvolveu mecanismos ainda mais perversos de dominação e controle dos trabalhadores.

Tratar o marxismo como ciência oposta à ideologia é um absurdo tão grande quanto reduzir o marxismo apenas e tão somente à ideologia – tal como seria um absurdo reduzir a gravitação universal de Newton e o pensamento econômico da burguesia em sua fase revolucionária (a Economia Política de Adam Smith e David Ricardo) apenas e tão somente à ideologia, como se não contivessem nenhum conhecimento científico. Neste sentido preciso, a física newtoniana, a Economia Política e o marxismo são igualmente ideologias – ainda que, enquanto ideologias, não sejam idênticos. Os primeiros defendiam a revolução burguesa, o segundo, a revolução proletária.

Isso com os neopositivistas, os nazistas e os stalinistas. Com os “bolsonaristas” as coisas são apenas parecidas.

Os bolsonaristas e as ideologias

Com o projeto da Escola sem Partido e com a seguida pregação pelos bolsonaristas da necessidade de uma abolição “das ideologias”, o conceito de ideologia voltou a ganhar importância política. Tal como no passado, ideologia é identificada como tudo de ruim, tudo que teria de ser eliminado para que o país prosperasse.

Contudo, entre os bolsonaristas, o conceito de ideologia é imediatamente valorativo. O que se contraporia à ideologia, para eles, é a fé no Deus cristão e a crença nos valores tradicionais da sociedade: a família monogâmica, patriarcal; a moral conservadora nos costumes, a disciplina na vida cotidiana, a propriedade privada burguesa como núcleo da liberdade; o Estado como ordenador da sociedade – e os deveres dos cidadãos como a aceitação desta ordenação social imposta pelo Estado.

Diferentemente dos neopositivistas e diferentemente dos stalinistas, para os bolsonaristas a ideologia não seria combatida pela ciência, mas sim pelos valores da religião e da moral conservadora e burguesa. Para eles, haveria uma “ideologia cientificista” que colocaria a ciência acima da fé que deverá ser combatida. “A verdade” é que os seres humanos vieram de Adão, e não, como diz a ciência, do desenvolvimento da natureza. Para os bolsonaristas, a disputa se dá entre a

fé católica e os valores nela inspirados contra todas as outras formas de conhecimento, seja a arte, a ciência, os costumes, a moral, a ética – e mesmo, contra as outras concepções religiosas que não a cristã. Nisso eles diferem dos neopositivistas e dos stalinistas e se aproximam dos nazistas: o que apresentam como “a verdade” não passa da mais completa falsidade.

É assim que, para eles, tudo se passa no plano valorativo. Devem-se separar e distinguir os valores que seriam verdadeiros dos que seriam falsos. Os verdadeiros seriam aqueles da tradição cristã, os falsos seriam aqueles valores que expressam a igualdade entre as raças, a igualdade entre homens e mulheres, a liberdade de opções sexuais, a liberdade de expressão na arte, na ciência, na filosofia e na religião; o falso seria o conhecimento científico que explica o universo sem Deus e explica a origem do ser humano sem o mito da Gênese bíblica... – e não é preciso muito para percebermos que os bolsonaristas são tão ideológicos quanto as ideologias que pretendem combater.

Contra a “ideologia de gênero”, a ideologia de que os homens devem comandar, e as mulheres, obedecer; contra as “ideologias socialistas e comunistas”, a ideologia liberal segundo a qual não há nada mais justo do que o mercado e que o capital é o que nos faz humanos; contra a “ideologia de liberdade de expressão”, a ideologia de que apenas os valores conservadores são os verdadeiros. E assim por diante.

O quanto a luta contra as ideologias dos bolsoneiros não passa de ideologia mostra bem o fato de que eles nada viram de errado em o Partido Republicano Brasileiro, base do governo Bolsonaro, criar uma faculdade com cursos de Ciência Política, Política Contemporânea e Direito Eleitoral. Uma Escola sem Partido em uma faculdade de um Partido!!! Nada de errado, desde que o Partido seja da base de apoio do governo! A Faculdade chama-se “Faculdade Republicana” e deverá começar a funcionar já em 2019!

O que, então, é a ideologia?

Na vida cotidiana dos seres humanos, desde as formações sociais mais primitivas até as dos nossos dias, o conhecimento e as ideias cumprem diversas funções.

Uma dessas funções é a de ciência. O conhecimento científico é aquele que sistematiza o que já conhecemos do mundo de tal modo que possamos produzir o que necessitamos com menos esforços e em menor tempo. Sistematizar qual o tipo de pedra ideal para se fazer um machado, ou como deve ser calculada a resistência do concreto para construirmos casas e prédios, esta é a função social da ciência da natureza. A função social das ciências humanas é a mesma, o que altera é o seu objeto: não mais a natureza, mas as formações sociais. Quais são as tendências históricas mais universais do desenvolvimento da humanidade?

Como identificar e explorar na prática as mais elevadas possibilidades para satisfazer as necessidades mais humanas geradas pela história? Como superar as desumanidades que a sociedade contemporânea gera de modo cada vez mais intenso?

Em outras palavras, para que possamos construir conscientemente nosso futuro, é preciso que as ciências humanas produzam um conhecimento que revele as causas e as conseqüências das ações humanas, como essas ações se convertem em nossa história coletiva, como elas determinam nosso destino comum. Esta função das ciências humanas, repetimos, é uma função similar à da ciência da natureza: se esta deve revelar o que a natureza é, para que dela possamos retirar o que necessitamos com menor esforço e em menor tempo, as ciências humanas devem revelar o que é a sociedade, o que é o ser humano, para que possamos conduzir nosso futuro com consciência e, portanto, de modo cada vez menos desumano.

Uma segunda função do conhecimento é a função da arte. O conhecimento artístico também revela o que os seres humanos são, o que nós somos. Mas o faz de uma perspectiva e com uma função bem distinta da ciência. O indivíduo humano, e não mais a sociedade ou a natureza, está no centro da obra de arte. Sua função é promover uma emoção tão gigantesca e avassaladora nas pessoas que elas se desenvolvam enquanto seres humanos mais sensíveis, mais capazes de perceber o que é o mundo em que vivem. Ao perceberem melhor

o mundo em que vivem, também o conhecem melhor e, assim, podem reagir à realidade com atos mais apropriados às finalidades que venham a possuir.

Uma terceira função é a da religião. O conhecimento religioso, em sua origem mais primitiva, tinha a função de explicar e justificar a vida humana. Nas sociedades mais primitivas, a pergunta pela razão do destino humano era respondida por mitologias e mitos religiosos. Ao fim e ao cabo, a resposta era sempre algo como “é assim porque Deus (ou os Deuses) deseja”. Com o desenvolvimento da arte e da ciência, a religião foi perdendo esse espaço e o conhecimento religioso foi deixando de ser uma explicação, para se tornar apenas uma justificação do mundo.

Ou seja, a ciência e a arte vão crescentemente explicando o mundo, enquanto a religião vai crescentemente justificando o mundo. Como surgiu o universo, de onde vem o ser humano, por que vivemos em sociedades tão desumanas?

Há não muitos séculos, a explicação última seria sempre: porque Deus assim determinou. Hoje essa resposta não tem mais validade prática nenhuma. Para investigar a origem do universo, os cientistas criaram um acelerador de partículas e investigam as ondas gravitacionais. Para descobrir como os seres humanos surgiram no planeta Terra, investigamos os hominídeos mais primitivos, tentamos precisar onde surgiu o trabalho e, com ele, a humanidade. E assim por diante. Para descobrir as causas de nossas mazelas

sociais, estudamos a economia, a história, a política, a sociologia etc. etc. Em nenhuma dessas investigações a Bíblia ou o Alcorão ou a Torá jogam qualquer papel ou sequer são mencionados.

Ao conhecimento religioso cabe cada vez mais exclusivamente o papel de justificador do mundo: por isso um papel conservador. É essa perda da função explicativa do mundo pela religião uma das explicações últimas para a decadência da religião e de suas instituições (a pedofilia no catolicismo e as igrejas evangélicas nada mais são que manifestações superficiais dessa crise).

A quarta função do conhecimento é o da ideologia. A ideologia é aquele conjunto de ideias que os grupos humanos utilizam para se organizar e atuar nos conflitos sociais de todos os tipos. Em tese, qualquer conjunto de ideias pode cumprir essa função, pode auxiliar na organização e na atuação de grupos de pessoas sobre os conflitos que surgem incessantemente na sociedade. Há ideologias mais importantes e significativas, e outras menos importantes – e isso é determinado pela importância dos conflitos nos quais atuam. Mas em todos os casos, as ideologias são conhecimentos e ideias que cumprem a função social de organizar como conjuntos de indivíduos atuam sobre os conflitos de seu dia a dia.

Esse conjunto de conhecimentos, de ideias, pode ser mais ou menos científico, religioso, artístico ou, mesmo, meramente uma falsidade. Na Idade Média,

a ideologia dos grupos e classes sociais em conflito era fundamentalmente religiosa. Isto, contudo, não significa que no interior dessa ideologia religiosa não encontremos elementos de ciência tanto da natureza quanto da sociedade, de concepções artísticas e, ainda, de puras falsidades. No período moderno, quando a burguesia se constituiu em classe revolucionária e derrubou o feudalismo, a ideologia tinha nas concepções políticas um centro decisivo, muito mais decisivo que na Idade Média. O quanto o liberalismo político que então surgiu, com sua proposta de um Contrato Social e de uma economia regida pela propriedade privada burguesa, era ao mesmo tempo ciência e ideologia, concepção artística e ideologia, religião e ideologia (Calvino etc.), é demonstrado por qualquer estudo mais sério deste período histórico.

O mesmo para o pensamento de Marx e Engels. Ao revelarem como se reproduz a sociedade burguesa pela acumulação de capital, e como tal acumulação implica sempre a produção de uma maior riqueza para a burguesia e de maior miséria para os trabalhadores, os dois pensadores revelaram a lei que rege o mundo burguês. Fizeram, por isso, a mais pura ciência. Contudo, ao mostrarem a desumanidade inseparável do mundo burguês, mostraram também a possibilidade e a necessidade da superação revolucionária do capital. Nisto seu pensamento é a mais pura ideologia, isto é, um conjunto de ideias que por décadas tem auxiliado os trabalhadores do mundo todo a lutar contra as injustiças do presente.

As ideologias, portanto, podem ser mais falsas ou mais verdadeiras, podem ser mais científicas ou religiosas, mais próximas do mundo real ou meramente veladoras da essência do mundo. Podem ser revolucionárias ou conservadoras. O que as faz, todas elas, ideologias, contudo, não é se são mais ou menos falsas, científicas, religiosas, conservadoras ou revolucionárias. O que as torna ideologias é que são sempre conjuntos de ideias que auxiliam os indivíduos a se organizar e a atuar sobre os conflitos sociais de seus dias.

O marxismo e o “bolsonarismo” são ideologias. O que os diferencia, no essencial, é que o marxismo é uma ideologia que auxilia no combate às desumanidades do nosso mundo e, por isso, é uma ideologia revolucionária. O “bolsonarismo” é uma ideologia que quer preservar o fundamento das desigualdades sociais: a propriedade privada, o Estado e a família monogâmica, patriarcal. É, por isso, uma ideologia conservadora.

O fato de o marxismo ser uma ideologia revolucionária e o “bolsonarismo” uma ideologia conservadora tem vastas consequências ideológicas. O marxismo, para revelar a essência do mundo, precisa desenvolver a ciência. O “bolsonarismo”, para velar a essência do mundo, precisa lançar mão dos dogmas da fé e das crenças religiosas cristãs não apenas contra a ciência e a filosofia, mas também contra as outras fés religiosas. O primeiro tem a força dos argumen-

tos; o segundo necessita do poder do Estado para se reproduzir socialmente... E assim por diante.

Uma sociedade sem ideologias?

Tal como jamais houve na história uma sociedade que não produzisse algum conhecimento científico e alguma religião (ainda que suas formas tenham variado enormemente), também não pode haver uma sociedade sem ideologias. A sociedade sempre produz conflitos – e os seres humanos apenas podem enfrentá-los pensando sobre eles. Do pensamento (o que fazer para resolver este ou aquele conflito?) nascem as ideologias. Não há sociedade sem ideologias!

O discurso contra as ideologias dos bolsonaristas nada mais é que outra ideologia!

Mas isso não é surpreendente, pois eles não têm ideia do que é ideologia. A única coisa que sabem é que têm de tachar tudo o que não concordam como ideologia, para considerar correto e verdadeiro aquilo que eles não podem demonstrar ser correto e verdadeiro. Sem argumentos, só lhes resta desprestigiar as ideias com as quais não concordam e empregar a força do Estado para impor o que afirmam ser verdade.

Para eles o que se contraporía às ideologias seria... a fé! A fé em Deus, a fé no Poder Divino. Sem Deus e seu Poder (tudo com letra maiúscula) não haveria salvação – nem para as pessoas, nem para o país. Por isso, “Deus acima de todos”. E esta concepção, para

nossos bolsonaristas, não seria uma “ideologia”, mas o seu oposto: “A Verdade”! Não seria uma ideologia afirmar que apenas a Fé poderia nos salvar, que sem Deus ficariam ameaçados valores fundamentais como a “família”, a “propriedade”, a “disciplina”. Não seria, para eles, parte de uma ideologia afirmar que bandido bom é bandido morto, que o problema da segurança se enfrenta armando a população e que os males do Brasil se vencem com “mitos” como Bolsonaro. Tudo indica que pelo menos alguns deles de fato acreditam que Bolsonaro foi enviado para salvar o Brasil pelo Deus cristão, aquele da Santíssima Trindade!

Todo o discurso bolsonarista não passa de mais uma ideologia. Eles falam e pensam ideologicamente, ainda que sua ignorância os impeça de perceber isso! Os nossos conservadores no Planalto são ideólogos, ainda que não o reconheçam.

Por isso, a Escola sem Partido nada mais é do que a Escola do Partido bolsonarista!

Por isso, a sociedade sem ideologias nada mais significa que uma sociedade regida pela ideologia bolsonarista!

A isso, e nada mais, se reduz a essência da concepção predominante entre os bolsonaristas acerca da ideologia.